

## 4. Apontamentos finais

A escolha por nomear esta última parte da dissertação como "apontamentos finais" tem o intuito de evidenciar que nenhuma ideia aqui apresentada e analisada estão engessadas em verdades únicas, até porque, além de arbitrário, isso contraria um dos princípios básicos do fazer história, que é possibilitar que grupos e indivíduos considerem as múltiplas versões e possíveis interpretações dos fatos. Assim, minha preocupação é sistematizar as ideias trabalhadas até aqui e elucidar a possibilidade de que novos trabalhos como este podem e devem ser levados a diante, como forma de não apenas intensificarmos o campo da história pública, mas também de levantarmos cada vez mais a bandeira de sua importância e legitimidade frente às questões político-sociais nos dias de hoje.

Acredito que o maior e mais intenso esforço deste trabalho foi de explorar o campo da história pública sem perder de vista sua funcionalidade e relevância na formação histórica do grande público, levando em conta o necessário e importante diálogo que deve existir entre as produções acadêmicas e não acadêmicas. Outro importante esforço foi de evidenciar o trabalho com a história fora da academia como mais um instrumento de trabalho dos profissionais da história, além de identificar a necessidade de agregar às produções de história pública a participação do historiador não como forma de legitimação, mas como meio de atrelar ainda mais qualidade ao que está sendo produzido para o grande público e possibilitar a formação de uma cultura histórica problematizada e a ruptura de entendimentos unilaterais acerca dos diferentes contextos históricos.

As visitas guiadas aqui analisadas serviram como objetos de estudo para questionar não a validade do turismo histórico cultural, tão pouco a legitimidade da organização de narrativas históricas por parte de proprietários de fazendas e guias turísticos. A análise dessas visitas permitiu verificar que para além dos entraves ainda existentes em torno da organização dessas atividades culturais há uma crescente preocupação por parte dos envolvidos em divulgar o passado histórico de forma responsável e comprometida com a formação histórica dos visitantes. A procura por parte dos proprietários - especificamente os das fazendas cujas visitas foram aqui

analisadas - em ler e estudar sobre a história da região consultando documentos variados e historiadores é um forte indício de que as atividades culturais, como as propostas por eles em suas propriedades, estão voltadas não apenas para o entretenimento, mas também para a construção de saberes sobre o passado.

Acredito que chegar até aqui é evidenciar que muitas mudanças aconteceram ao longo do tempo. No campo da história pública e do turismo histórico cultural, através de projetos como o *Santa Afro Catarina* e as visitas guiadas aqui analisadas, foi possível identificar preocupação e atenção no que diz respeito ao estudo das fontes e no engajamento de profissionais qualificados, que possam efetivamente contribuir com a qualidade do que está sendo produzido para o grande público. Sem dúvida, ainda há muito a ser feito. O processo de construção da consciência histórica é contínuo e, portanto, os caminhos que levam à formação histórica devem estar em pauta, sendo pensados e avaliados. A questão da representatividade do negro africano e da escravidão nos trabalhos de circulação para o grande público, a inserção cada vez maior do historiador nos trabalhos de história pública, bem como a necessidade de cada vez mais pensar a construção de uma cultura histórica a partir de atividades culturais voltadas para o grande público, que traga como possibilidade efetivas transformações político-sociais.